

**Conhecidos de Vista**

Letícia Lampert
São Paulo: Editora Incompleta,
2018
152 páginas
R\$ 70,00 (preço médio)

Paisagem afetiva urbana

Lucas Borghetti*

A fim de responder como as pessoas se relacionam com a vista da janela, Letícia Lampert percorreu o centro de Porto Alegre à procura de apartamentos para fotografar. Janelas em que a abertura para o mundo é interrompida por outro prédio consiste no tema central da pesquisa sobre paisagem urbana realizada pela artista visual. Durante esse processo, Letícia observou que o relato dos moradores sobre seus vizinhos era tão relevante quanto as imagens. “O que me motivou foi ouvir depoimentos bastante afetivos de pessoas confortáveis com a presença do outro. Mesmo nessa situação que não é ideal, ter sua vista barrada por outro prédio, podem surgir coisas positivas.”

O ensaio faz parte da pesquisa acadêmica de Letícia e foi exibido ao público pela primeira vez em 2013 na sala Augusto Meyer da Casa de Cultura Mário Quintana – apresentação que marcou a conclusão do mestrado em Poéticas Visuais e contou com a presença da banca de avaliação do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS. Durante a exposição, as fotografias eram projetadas na parede da sala em escala semelhante à dos apartamentos, o que, segundo a artista, garantiu presença e veracidade à obra. Junto às imagens, a voz das pessoas contando o que sabiam do vizinho era reproduzida em áudio. “O trabalho tinha um corpo e merecia ser visto com calma”, discorre Letícia. Foi nessa ocasião que surgiu a vontade de fazer um livro. *Conhecidos de vista: um olhar sobre as relações de vizinhança através das janelas das cidades* é lançado este ano pela editora Incompleta.

A publicação apresenta 84 fotografias distribuídas em 152 páginas sanfonadas, permitindo, de início, duas perspectivas. De um lado, o leitor observa a vista para a fachada de edifícios

se repetir em uma linha contínua de páginas. Do outro, o interior de apartamentos no qual a janela emoldura a vista para outro prédio e depoimentos anônimos em texto. São objetos presentes que garantem a particularidade de cada fotografia, seja interna ou externa. O homem que vagueia sem camisa ou a mulher que limpa a janela debruçando-se perigosamente sobre o peitoril constituem os detalhes que evidenciam o encontro entre os relatos pessoais e a fotografia. Dessa forma, apresenta-se a multiplicidade de pontos de vista embaralhados no livro, garantindo o anonimato que, segundo Letícia, faz o relacionamento funcionar.

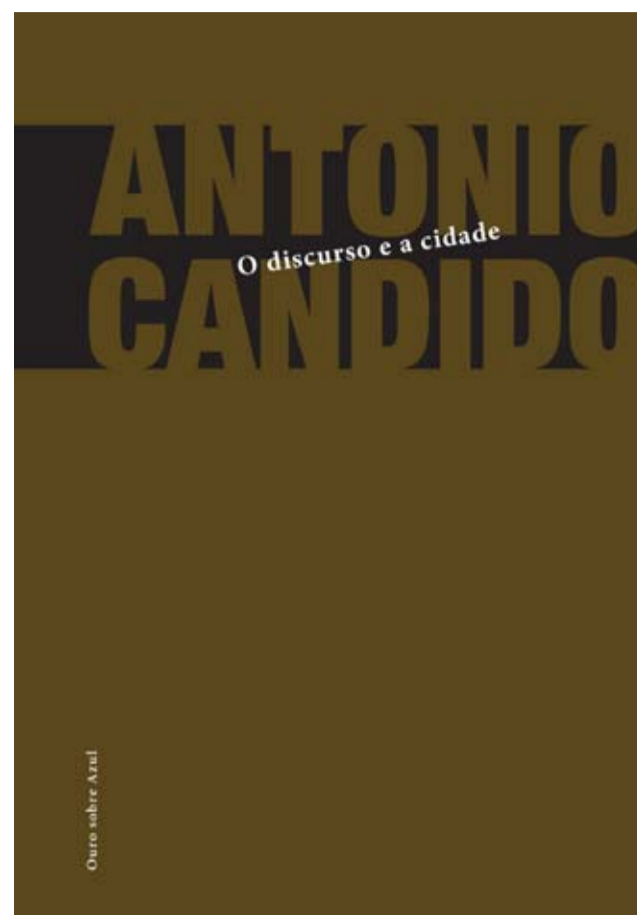
“O livro tem mais profundidade, porque acaba criando mais camadas de leitura. O projeto, mesmo sendo uma continuação, acaba variando um pouco.” Letícia não considera um formato ideal para apresentar as fotografias, sendo que cada meio acaba tendo ganhos e perdas. Na edição impressa, é apresentado um número maior de fotografias do que na exposição.

Conhecidos de vista é um trabalho livre e autoral, sendo que Letícia é responsável também pela concepção gráfica do livro, tornando ele mesmo uma obra de arte. A artista visual garante que a essência do projeto permaneceu a mesma ao longo dos cinco anos entre a busca por um meio de produzir o livro e o resultado. “Com esse tempo acabei desenvolvendo um pouco mais, o projeto foi ganhando algumas complementações.” O ensaio busca romper com a visão negativa de ter a vista interrompida por outro prédio, evidenciando por meio da fotografia as relações de afetividade entre pessoas que, apesar estarem próximas, mantêm-se, muitas vezes, distantes.

*Estudante do 4.º semestre de Jornalismo da UFRGS

O discurso e a cidade

Antonio Candido
Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015
288 páginas
R\$ 49,00 (preço médio)



Dialética, precisamos de dialética

Guto Leite*

Tempos mais duros parecem impor a nós reações mais duras. Como se precisássemos nos desfazer de conquistas civilizatórias para estar à altura do que virá. Penso o contrário. Precisamos, sim, radicalizar nossas posturas, mas radicalizar no sentido de não abrir mão do humano, de estarmos vivamente vivos, reagindo, nos movimentando, sentindo, pensando. No campo da crítica, salvo engano, é o método dialético – que busca ler forma estética e sociedade mutuamente implicadas – que consigo do melhor modo cultivar a humanidade do crítico e do leitor. Um grande exemplo de obra dialética, imprescindível para o atual momento do país, é *O discurso e a cidade*, de Antonio Candido. Trata-se de conjunto robusto de textos e apontamentos, mas vou me deter em dois ensaios, dentre os maiores já escritos na crítica literária nacional e que, creio, podem ser lidos com proveito por qualquer leitor interessado.

O primeiro, *Dialética da malandragem*, versa sobre um romance desprezioso da metade do século XIX, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antonio de Almeida. Candido demonstra que o autor, na representação das personagens e das situações, na construção do narrador e no próprio balanço do livro, foi capaz de apreender certa dinâmica profunda do funcionamento da sociedade carioca de então, em que homens livres – que mais tarde delineariam a classe média brasileira – oscilavam, aproximando-se e distanciando-se do mundo da ordem e da desordem. Para que o pudessem fazer eficientemente, sem amarras, as ações desses homens eram antes medidas pelo efeito do que por alguma moral que as considerassem

certas ou erradas. Afim ao jeitinho, à conciliação e à cordialidade, esse imperativo pragmático do homem livre configura-se como aspecto saliente da formação nacional. Ler esse traço no romance, arqueologicamente, nos faculta a possibilidade de lermos nossa sociedade e outras obras à luz do alcance e dos limites da disposição malandra.

O segundo, *De cortiço a cortiço*, tem por escopo o romance de Aluísio Azevedo de 1890. Nesse ensaio, Candido argumenta que as dissonâncias da obra do autor brasileiro em relação a seus modelos naturalistas devem ser lidas atentamente, não como limitações de quem copia, mas como tentativas originais de interpretar e representar o próprio mundo. Por esse princípio, o crítico desvela, sob o objetivo narrador em terceira pessoa, típico do realismo, uma subjetividade inapagável e ressentida, que troca de sentido algumas representações de *O cortiço*. Por uma leitura desarmada, João Romão, português que burla e explora para ascender na vida ao preço da vida de muitos, sai vitorioso. Pela leitura de Candido, percebemos o chiste do brasileiro branco, escravocrata e ocioso, em decadência, tal se dissesse: “para subir, o português precisou estar entre os negros e trabalhar como um bicho. Um degradado!”

Com duas leituras agudas de Candido, sobre a classe média e sobre a elite, espero ter aguçado a curiosidade do leitor para *O discurso e a cidade*. Para além delas, e por extenso, estou certo de que recomendo um exemplo robusto de dialética, o melhor que posso recomendar a todos neste momento.

*Professor de Literatura Brasileira da UFRGS